

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

Com

ILUSTRAÇÕES
ORIGINAIS DE
SAINT-EXUPÉRY

 FARO
EDITORIAL



ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O
Pequeno
Príncipe

TRADUÇÃO - RAFAEL ARRAIS



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Todo conteúdo original (em francês) é de autoria de Antoine de Saint-Exupéry e se encontra em domínio público (exceto na França e nos EUA).

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustrações de capa e internas **ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY;
ESTRELAS E PLANETAS, AKSOL E KATERINA IZOTOVA ART LAB | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Saint-Exupéry, Antoine, 1900-1944

O pequeno príncipe / Antoine de Saint-Exupéry;

tradução de Rafael Arrais. — São Paulo :

Faro Editorial, 2020.

128 p.

ISBN 978-65-86041-04-0

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura infanto-juvenil francesa I. Título

20-1056

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – sp – Brasil

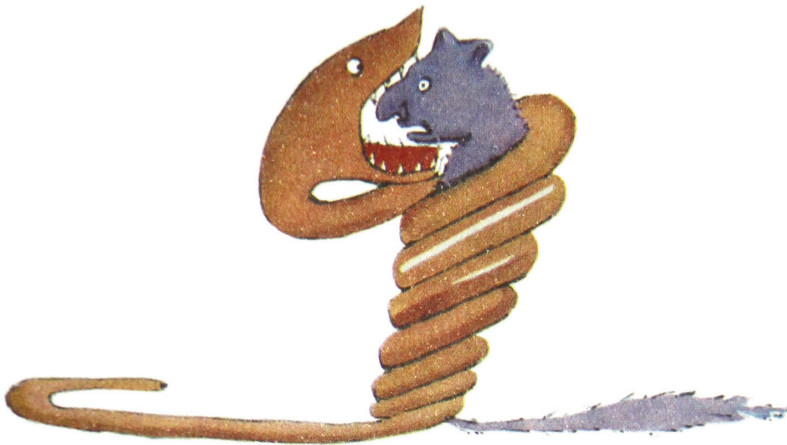
cep: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br

I

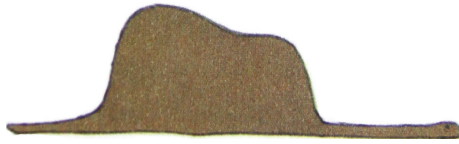


Uma vez, quando tinha seis anos, vi um desenho magnífico num livro chamado *Histórias Vividas*, sobre a floresta primitiva. Era um desenho que mostrava uma jiboia prestes a engolir um animal. Aqui vai uma cópia dele.



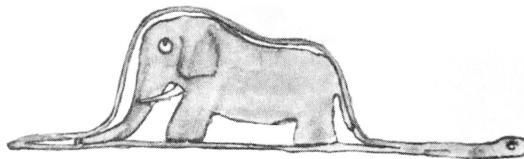
No livro era dito: “As jiboias engolem suas presas por inteiro, sem nem mastigar. Depois disso, elas ficam incapazes de se mover e dormem pelos seis meses que necessitam para a digestão”.

Eu então refleti profundamente acerca das aventuras da selva, e, após algum trabalho com um lápis de cor, consegui fazer o meu primeiro desenho, meu Desenho Número Um. Ele era mais ou menos assim:



Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes, e perguntei se meu desenho as assustava. Mas elas me responderam: “Assustar? Por que alguém se assustaria com um chapéu?”

Meu desenho não era um chapéu. Era o desenho de uma jiboia digerindo um elefante. Mas como as pessoas grandes não conseguiam entendê-lo, eu fiz um novo desenho: desenhei o interior de uma jiboia, assim as pessoas grandes poderiam ver claramente o elefante. Elas sempre precisam de explicações para as coisas. Meu Desenho Número Dois era assim:



Desta vez, as pessoas grandes me aconselharam a deixar de lado meus desenhos de jiboias, fossem elas abertas ou fechadas, e me dedicar a coisas como geografia, história,

aritmética e gramática. Foi por isso que, aos meus seis anos, desisti do que poderia vir a ser uma carreira magnífica na pintura.

Eu fui desencorajado pelos fracassos do meu Desenho Número Um e do meu Desenho Número Dois. As pessoas grandes nunca entendem nada por elas mesmas, e é muito cansativo para as crianças ficarem sempre explicando as coisas para elas.

Então eu escolhi outra profissão, e aprendi a pilotar aviões. Eu voei por todas as partes do mundo; e é verdade que a geografia acabou me sendo muito útil. De relance, posso distinguir a China do Arizona. Se alguém fica perdido no céu noturno, esse conhecimento é bem valioso.

No curso desta vida, eu tive muitos grandes encontros com muitas pessoas que se preocupavam com assuntos muito sérios. Eu vivi por um bom tempo entre as pessoas grandes. Eu fui muito próximo e íntimo a elas, mas tudo isso não melhorou muito a opinião que tenho delas.

Sempre que eu me encontrava com uma delas que me parecia mais lúcida à primeira vista, eu fazia um experimento: mostrava a elas o meu Desenho Número Um, que sempre carreguei comigo. Eu buscava saber se aquela era uma pessoa de compreensão verdadeira. Mas, quem quer que ela fosse, um adulto ou uma adulta, sempre me respondia:

“Isto é um chapéu.”

Então eu jamais falaria com aquela pessoa sobre jiboias, ou florestas primitivas, ou estrelas. Eu precisava descer ao seu nível de compreensão. Eu conversaria com ela sobre jogos de cartas, e golfe, e política, e gravatas. E a pessoa grande ficava encantada em conhecer um homem tão refinado.

II



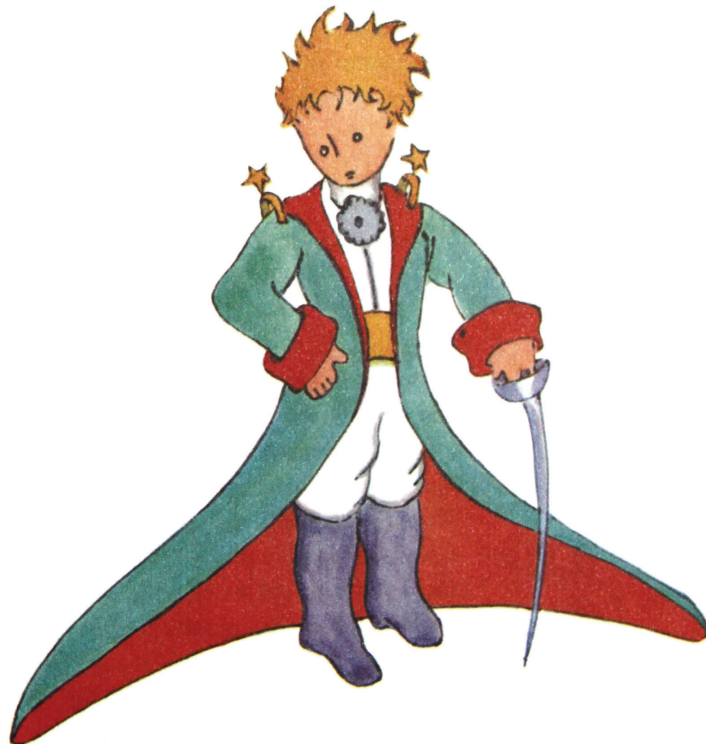
Então eu vivi minha vida solitário, sem ninguém com quem pudesse realmente conversar, até que tive um acidente com meu avião no deserto do Saara, seis anos atrás. Algo estava quebrado em meu motor, e como não tinha comigo nem passageiros nem mecânicos, após o pouso forçado eu me preparei para tentar realizar sozinho o difícil conserto. Para mim, era uma questão de vida ou morte: o que eu tinha de água em meu cantil mal dava para oito dias.

Na primeira noite, eu dormi em plena areia, a milhares de quilômetros de qualquer habitação humana. Eu estava mais isolado do que um náufrago boiando agarrado a uma tábua no meio do oceano. Portanto, você pode imaginar o meu espanto quando, ao nascer do sol, fui despertado por uma vozinha um tanto estranha. Ela disse:

- Por favor, me desenhe um carneiro!
- O quê?!
- Me desenhe um carneiro!

Eu me levantei de um pulo só, como se um raio houvesse me atingido. Esfreguei meus olhos e olhei cuidadosamente em minha volta, foi quando vi um ser pequenino e extraordinário, que estava ali me examinando com grande seriedade.

Aqui você pode ver o melhor retrato que pude fazer dele, tempos depois. Mas ao meu desenho falta certamente o encanto do modelo original.



Eu não tenho culpa se o meu desenho não é tão fiel ao original, afinal as pessoas grandes me desencorajaram a seguir minha carreira artística quando eu tinha somente seis anos de idade, e então eu nunca aprendi a desenhar nada além de jiboias abertas e jiboias fechadas.

Eu olhava para aquela aparição repentina com meus olhos quase pulando das órbitas de tanto assombro. Lembre-se, eu

havia me acidentado no deserto a milhares de quilômetros de qualquer região habitada, e ainda assim aquele ser pequenino não parecia estar vagueando perdido em meio aos areais, nem dava quaisquer sinais de cansaço, fome, sede ou medo.

Nada sobre ele me dava qualquer sugestão de ser uma criança perdida no deserto, a milhares de quilômetros de qualquer habitação humana. Quando finalmente consegui dizer alguma coisa, foi isto que lhe falei:

— Mas o que diabos você está fazendo aqui?

E ele me respondeu um tanto vagarosamente, como se falasse de algo muito sério:

— Por favor, me desenhe um carneiro...

Quando um mistério é tão avassalador, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que possa parecer, mesmo estando a milhares de quilômetros de qualquer habitação humana e com minha própria vida em risco, eu retirei do meu bolso uma folha de papel e a minha caneta-tinteiro.

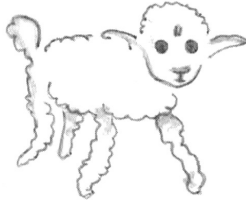
Porém, antes de desenhar, me lembrei de como os meus estudos haviam se concentrado em geografia, história, aritmética e gramática, e disse ao pequenino (um pouco mal-humorado, aliás) que eu não sabia desenhar. Mas ele me respondeu:

— Isso não importa. Me desenhe um carneiro...

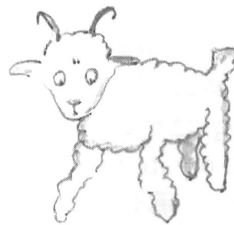
Mas eu nunca havia desenhado um carneiro, então desenhei para ele um dos dois únicos desenhos que eu sabia fazer, o da jiboia aberta, e fiquei muito surpreso com o que o pequenino me disse ao vê-lo:

— Não, não, não! Eu não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é uma criatura muito perigosa, e um elefante é muito pesado e espaçoso... Onde eu moro, tudo é muito pequeno. O que preciso é de um carneiro, me desenhe um carneiro.

Então eu fiz este desenho.



Ele o observou cuidadosamente, e daí me respondeu:
— Não, este carneiro já está muito doente, me faça outro.
Então eu fiz outro desenho.



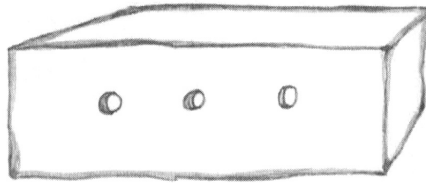
Meu amigo sorriu gentilmente e me disse:
— Você não vê que isto não é um carneiro? Isto é um
bode, ele tem chifres!
Então tive de refazer meu desenho novamente...



Mas ele foi rejeitado como os demais:
— Este é muito velho. Eu quero um carneiro que ainda
terá uma longa vida pela frente.

Nessa hora, a minha paciência já estava exaurida, porque eu precisava iniciar o conserto do motor o quanto antes. Então eu rabisquei com pressa este outro desenho, e arrisquei uma explicação para ele:

— Esta é somente a caixa, o carneiro que você me pediu está dentro dela.



Eu fiquei um tanto surpreso ao ver a face do meu pequenino crítico de arte se iluminar:

— Era exatamente isso que eu queria! Você acha que será preciso muito capim para alimentar este carneiro?

— Por quê?

— Porque onde eu moro tudo é muito pequeno...

— Ora, certamente haverá capim o suficiente para ele, este carneiro que lhe dei também é muito pequeno.

Ele inclinou os olhos sobre o desenho e disse:

— Não é tão pequeno assim... Olha! Ele dormiu...

E foi assim que eu conheci o pequeno príncipe.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2021